

PLURALISMO RELIGIOSO NO SANTUÁRIO VAILANKANNI

RELIGIOUS PLURALISM AT THE SHRINE VAILANKANNI



George Fernandes Jesuraj¹

Resumo

Este estudo foca o “lugar sagrado” de Vailankanni. É situado no contexto da pluralidade religiosa da Índia. O pluralismo religioso dos indianos, se reflete na pluralidade religiosa dos peregrinos de Vailankanni. Este trabalho, irá abordar: Vailankanni em uma terra de diversidade cultural, uma sociedade multireligiosa, o desafio da pobreza persistente e Vailankanni, e o impacto das línguas, culturas e religiões no Santuário. Esta pesquisa está em sintonia com o pensamento de José Comblin, que disse: “*o anúncio do dom de Deus no contexto pluralismo religioso, torna-se mais claro na escolha das pessoas destinada a receber esse dom*”.

Palavras-chave: pluralismo religioso no Vailankanni; Santuário Mariano Vailankanni; sinodalidade e nova evangelização.

Abstract

This study focuses on the “sacred place” of Vailankanni. It is situated in the context of religious pluralism in India. The religious pluralism of Indians is reflected in the religious pluralism of the pilgrims to Vailankanni. This article will address: Vailankanni as a land of cultural diversity, a multi-religious society, the challenge of persistent poverty and Vailankanni, and the impact of languages, cultures and religions in the Shrine. This research is in line with the thought of Joseph Comblin, who said: “*The announcement of God’s gift in the context of religious pluralism becomes clearer in the choice of the people destined to receive this gift*”.

Keywords: religious pluralism in Vailankanni, Marian Shrine Vailankanni, synodality and new evangelization.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se concentra na diversidade da Índia, país onde se encontra o Santuário Vailankanni. As características do país são refletidas nesse Santuário Vailankanni, situado na Índia que é uma terra de muitas línguas, culturas e tradições. A narrativa do *local sagrado* de Vailankanni insere-se no contexto da pluralidade religiosa do país. O papel de Maria nesse contexto pluralismo define a trajetória e o contexto deste estudo.

Como diz Comblin: “*quem tiver uma ideia puramente orgânica da história da Igreja verá os sinais dos tempos nas oportunidades de expansão ou de crescimento quantitativo da Igreja*”. Os sinais dos tempos da missão, seriam os indícios que mostram a Igreja a possibilidade de conquistar novos povos ou de penetrar em novas áreas da sociedade humana. Na realidade, os verdadeiros sinais dos tempos da missão são os passos dados para sair ao encontro dos ou-

¹ E-mail: georgefsvd@gmail.com

tros: *"esses passos são os lugares da manifestação de Jesus Cristo na luz do Espírito"* (Comblin, 1973, p. 585).

Este trabalho abordará Vailankanni em uma diversidade cultural a partir da perspectiva de Comblin e da sinodalidade do Papa Francisco. O *Evangelii Gaudium* indica que, ainda hoje, num momento histórico em que a Igreja se vê introduzida numa "nova etapa evangelizadora" (EG 1), que é chamada a se constituir num "estado permanente de missão em todas as regiões da terra" (EG 25). Por tanto, o estudo visa explorar uma sociedade multilíngue, multirreligiosa e sua influência no Santuário Vailankanni. Pretende investigar quais são os impactos das línguas, culturas e religiões no Santuário e qual é o protagonismo do Santuário no contexto do pluralismo religioso.

2 VAILANKANNI EM UMA TERRA DE DIVERSIDADE CULTURAL

Um visitante do Santuário de Vailankanni entenderia mais claramente o que Mahatma Gandhi disse sobre as pessoas que veneram a Virgem Santíssima no Santuário: *"o sentimento que eu tinha naquela época vem crescendo em mim, de que toda essa adoração e oração não poderiam ser superstição; e as almas devotas que se curvam diante da Virgem não poderiam adorar apenas mármore. Tenho a impressão de que senti naquela época que, com essa adoração, eles não estavam diminuindo, mas aumentando a glória de Deus"* (Rayer, 2020, p. 69).

O sentimento de Gandhi não é um fenômeno isolado, mas peregrinos de diferentes religiões e culturas que vêm a Vailankanni expressam os mesmos sentimentos. A diversidade também gera a piedade popular e o pluralismo religioso. O documento *Evangelii Nuntiandi* orienta que, se religiosidade popular for devidamente acompanhada, sobretudo por e uma pedagogia da evangelização, ela é algo rica de valores e *nós a chamamos de bom grado "piedade popular", no sentido religião do povo, em vez de religiosidade"* (Paulo VI, 2014, p. 57).

A Índia tem sido um berço para a piedade popular, apesar de sua diversidade e de visões opostas. Suas características apresentam aparentes paradoxos e contradições, como a presença simultânea de diversidade e unidade ou unidade na diversidade. A religião na Índia assume um papel criativo de forjar harmonia nacional, da coesão comunitária e da paz holística para todos. É uma terra de profunda espiritualidade, onde as pessoas continuam a buscar a verdade fundamental sobre Deus e a vida, explorando a natureza e a consciência humana.

É uma grande ironia que essa profunda religiosidade da Índia coexista com uma desigualdade gradual e uma economia profundamente dividida entre ricos e pobres. As diferenças e complexidades sociais, culturais e econômicas do país representam tanto desafios quanto oportunidades para a sociedade, a Igreja e os Santuários. A economia desigual, a pobreza extrema, os sistemas religiosos intolerantes e uma estrutura de castas estão inter-relacionados e interagem na vida cotidiana do povo (Rayer, 2020, p. 71).

Para o Comblin, os pobres evangelizam. Segundo ele, o significado e o valor da maternidade divina de Maria sempre foram defendidos, em primeiro lugar, pelo povo cristão, sobretudo pelos pobres. Os dogmas marianos foram defendidos pelos pobres antes de serem proclamados pelo magistério. A glorificação de Maria por sua imaculada concepção e sua assunção são verdades muito celebradas entre os mais pobres. Até mesmo os nomes dados às suas filhas mostram seu apego à Mãe de Deus. Os pobres associam Maria a Jesus de modo inseparável, assim, estabelecendo o fundamento da Doutrina Católica em matéria de Mariologia (Comblin, 1985, p. 311).

3 UMA SOCIEDADE MULTILÍNGUE E MULTIRRELIGIOSA

O governo da Índia reconhece 15 línguas como línguas oficiais do país. Além dessas, há cerca de 1.650 dialetos falados no país. Por exemplo, os povos tribais na parte norte da Índia, mantêm sua própria língua e dialetos. O tâmil, a mais antiga das línguas dravidianas no sul do país, difere estruturalmente das línguas indo-europeias, embora traços de sânscrito possam ser encontrados na maioria das línguas do sul. A maioria das pessoas que visitam Vailankanni tem herança dravidiana, cuja origem remonta ao Terceiro Milênio a.C. A escavação de *keeladi* comprova a antiguidade da cultura dravídica ou tâmil. Descobertas arqueológicas recentes comprovam a existência de uma civilização e religião pré-arianas, que foram praticamente absorvidas pelos imigrantes arianos e, agora, espalhadas por toda a Índia. Os estados da Índia foram divididos com base na língua das regiões (Rayer, 2020, p. 73).

Até mesmo um olhar casual sobre a configuração geográfica, demográfica e política do país dará a impressão que a Índia é mais um continente do que uma nação. O subcontinente indiano é o sétimo maior e o primeiro mais populoso do mundo. Seu rico mosaico de povos, culturas, estruturas sociais, sistemas legais e religiões é conhecido. Cada subcultura na Índia representa um corpo único e insubstituível de valores espirituais, materiais, intelectuais e emocionais, pelos quais um grupo social afirma sua identidade e demonstra sua presença na vida. As culturas incluem não apenas artes e literatura de um povo, mas também modos específicos de vida, tradições e crenças (Rayer, 2020, p. 74).

A Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II, *Gaudium Et Spes*, afirma que "*é próprio da pessoa humana necessita da cultura, isto é, de desenvolver os bens e valores da natureza, para chegar a uma autêntica e plena realização. Por isso, sempre que se trata da vida humana, natureza e cultura, encontram-se intimamente ligados*" (Gaudium et spes, 2022, p. 75). A cultura indiana compreende um vasto complexo de religiões, refletindo em sua arte, arquitetura, escultura, dança, música e costumes sociais. A cultura é a personificação viva da experiência das pessoas, transmitida de geração em geração.

A Índia é conhecida pela profunda espiritualidade e diversas religiões. Os hindus compõem 82% da população total, os muçulmanos 12.12%; os cristãos, de todas as denominações, são a terceira maior minoria, com 2.34%. Outras religiões incluem Sikhs, budistas, jainistas, parses, zoroastrianos. No estado de Tamil Nadu, onde o Santuário de Vailankanni está localizado, a população cristã é de 11%, enquanto em Kerala é de 19.7%, de onde um número significativo de peregrinos visita o Santuário (Rayer, 2020, p. 75). O pluralismo religioso dos indianos é refletido na pluralidade religiosa dos peregrinos de Vailankanni; manifestando-se nos símbolos e nos padrões de veneração a Maria. A pluralidade religiosa realmente embeleza o Santuário com uma mistura de tecidos culturais de arquitetura, adoração, celebração e vida.

4 O IMPACTO DAS LÍNGUAS, CULTURAS E RELIGIÕES NO SANTUÁRIO

O Santuário de peregrinação com Vailankanni se torna uma força unificadora em meio às diferenças religiosas e culturais entre os peregrinos. A busca por Deus nos santuários serve como o único ponto de encontro para a pluralidade de peregrinos, religiões e culturas. Portanto, o diálogo inter-religioso e intercultural, a evangelização, a inculturação, a comunicação e a linguagem são questões que ganham importância nesta missão do Santuário (Rayer, 2020, p. 82).

A Índia é multilíngue e o Santuário de Vailankanni também é. Mais de sete idiomas são usados oficialmente em serviços litúrgicos em ocasiões especiais, como dias festivos. Todos os dias, as missas são celebradas em três idiomas. A disponibilidade de muitos serviços linguísticos permite que a variedade de peregrinos se sinta *'em casa'* no Santuário. Embora a linguagem se torne divisão em contextos políticos, ela é um meio de unir as pessoas nos santuários. O Santuário foca na adoração, na oração, no relacionamento e na vida, reforçando a unidade por meio da linguagem (Rayer, 2020, p. 83).

A peregrinação, oração e devoção são fenômenos supra culturais no Santuário. O Santuário se torna um antídoto contra o isolamento cultural, alienação, conflito e ódio comunitários, comumente liberados em plataformas sociais e políticas. A cultura do Santuário surge, principalmente, da busca espiritual dos peregrinos pela misericórdia e amor de Deus.; Nas palavras dos peregrinos, é uma busca pela paz mundial, prosperidade do país ou a vida digna dos pobres.

Embora as subculturas do norte e do sul da Índia sejam diferentes em muitos aspectos, um dos pontos em comum da cultura indiana é o respeito pela mulher e seu poder de interceder. Uma experiência cultural dos membros da família em casa é de respeito pelo papel de esposa e mãe, que pode fazer as coisas (V CONFERÊNCIA DE APARECIDA, 2008, p. 161-162). Como diz Comblin: *"em quase todas as religiões pagãs, há figuras femininas que desempenham papéis importantes, principalmente figuras de mãe. Se a influência de tais religiões pagãs têm sido grande, pela ênfase dada à mariologia há história cristão, isto não é motivo de*

escândalo, como se todos pagão fosse mau. O caminho de Deus passa também pelos pagãos e por suas religiões” (Comblin, 1985, p. 316).

Tal experiência cultural foi elevada na tradição a um nível de divindade, onde a deusa *Sakti* (poder), símbolo do poder feminino, pede a graça de *Siva* para os devotos. Essa crença cultural e religiosa foi transferida para Maria em Vailankanni. Maria se torna a grande mãe e intercessora junto a Deus pelas orações dos peregrinos. No final da peregrinação, os peregrinos levam para casa um ícone, água benta ou algum símbolo da presença de Maria. A peregrinação continua em casa na forma de veneração, oferenda e súplica. Assim, visitar o templo tem um propósito duplo: encontrar Deus e seus servos. Esse “voltar para casa” é a imagem do retorno final ao *mukti* ou céu (Rayer, 2020, p. 84).

CONCLUSÃO

O Reino de Deus e a libertação de Cristo realizam-se por meio de um Santuário como Vailankanni, que representa um povo organizado, unido e estruturado. Os fiéis não são chamados a viver sua fé individualmente, ou de modo isolado, mas sinodal, dentro de um corpo: o Santuário. “Como o corpo é um só, tendo muitos membros, e todos os membros do corpo, sendo embora muitos, não formam senão um só corpo, assim é em Cristo. Pois num só Espírito, nós todos fomos formamos um único corpo orgânico em Cristo” (1Cor 12,12-13). Dentro deste corpo mariano cristocêntrico, o Espírito suscita a Nova Evangelização (Comblin, 1980, p. 129).

Tempos novos significam que estaríamos diante de um novo desafio. Um mundo novo anuncia uma Igreja nova, livre das estruturas e da complexidade que se acumularam no passado. Esses tempos novos significariam uma nova manifestação de Jesus Cristo no meio de novos cristãos, fortalecidos com a presença da força do Espírito. Ao mesmo tempo, isso seria uma libertação da própria Igreja em relação ao seu passado. Estamos ou não numa dessas épocas? Os elementos materiais não respondem por si sós. Precisamos verificar se, de fato, surgem caminhos novos e homens novos, cuja atuação constitua um apelo para uma nova evangelização (Comblin, 1973, p. 587).

A nova evangelização, a qual João Paulo II nos convocou, “nova, em seu ardor, nova em seus métodos, nova em sua expressão” (30), está encontrando – e deve seguir fazendo – um dinamismo renovado no marianismo dos crentes latino-americanos Sem descartar a vivência secular de sua devoção à Virgem como Mãe dos oprimidos, compassiva e próxima, os crentes enriquecem sua fé com as novas luzes, reconhecendo Maria como mulher livre e libertadora, a Mãe e o modelo que orienta os crentes desejosos de responder aos desafios dos sinais dos tempos no compromisso de uma evangelização libertadora (Maccise, 199, p. 219). A evangelização é apenas uma parte da libertação. Ela fica na raiz e na origem. Mas ela é a contribuição específica do cristianismo (Comblin, 1985, p. 44).

A religião não é apenas uma disciplina teológica ou mística. É uma tradição, crença, costume, medo e esperança bíblica e divinamente inspiradora, que norteia a direção das pessoas, São narrativas que nos ajudam a encontrar o sentido da vida. Ela também as capacita a expressar sua relação com universo e a viver sua peregrinação com destino final. Os Santuários Marianos ajudam nesta perspectiva, são lugares de nova evangelização e de uma caminhada sinodal. São lugares propícios para anunciar o Reino de Deus, promover a convivência fraterna e religiosa. Eles permitem aprofundar pluralidade religiosa e o diálogo sinodal. Diante desse cenário, podemos nos perguntar: O que as religiões esperam do cristianismo hoje? E qual é nossa contribuição na Fratelli Tutti nos Santuários?

REFERÊNCIAS

AMERINDIA, Org. **V CONFERÊNCIA DE APARECIDA: Renascer de uma esperança**. São Paulo: Paulinas, 2008.

COMBLIN, José. **A Igreja e sua Missão no Mundo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

COMBLIN, José. **Atualidade da Teologia da Missão (III)**. Concílium – Revista Internacional da Teologia – Petrópolis: Vol.33, Fac.131, 1973/9.

COMBLIN, José. **Evangelizar**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1980.

COMBLIN, José. **Tomo I. Antropologia Cristão (Série III): A Libertação Cristão**. Petrópolis; 1985.

CONCÍLIO VATICANO II – **Gaudium Et Spes**: sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 2022.

PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi: sobre a Evangelização no mundo contemporâneo**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

RAYAR KULANDAISAMY, **Mary of Vailankanni – The Exemplar of “Grace Alone”**. Trichy: Iniyavai Publications, 2020.